

“A SAÚDE TEM DE SAIR CADA VEZ MAIS DOS HOSPITAIS E DOS GABINETES”



Que importância atribui a Crescer a esta descoberta, que abriu horizontes a uma nova era no tratamento desta infeção?

Américo Nave (AN) – No nosso entender é da maior importância porque a Hepatite C é uma doença que mata milhões de pessoas em todo o mundo, com elevada incidência em populações vulneráveis sem acesso a rastreio e a tratamento. A Organização Mundial de Saúde perspetiva a erradicação da doença até 2030, o que é uma enorme esperança para as pessoas diagnosticadas com Hepatite C, uma vez que esta doença muitas vezes evolui para cirrose e, mais tarde, para cancro no fígado. Penso que, neste momento, a questão está somente na vontade política e numa mudança de paradigma no que concerne à forma como os cuidados de saúde são providenciados à população, principalmente às pessoas mais vulneráveis. Atualmente temos ferramentas para tratar as pessoas que já têm a doença, diminuir a sua propagação e prevenir a progressão da doença para cancro, poupando assim custos ao erário público e melhorando a qualidade de vida das pessoas.

Esta é uma doença crónica e silenciosa e que foi afetando muito os utilizadores de drogas, população que foi também sendo ignorada durante muitos anos... Como vê a situação atual desta população relativamente à intervenção que lhe é hoje dedicada?

AN – Quando comecei a trabalhar com públicos vulneráveis, há pouco mais de 20 anos, creio que havia até uma certa desvalorização em relação à Hepatite C. Dava-se muito mais enfoque ao VIH e olhava-se para a Hepatite C como uma doença de menor importância. Mais tarde, veio a provar-se que era preciso atuar e lentamente, começaram a aparecer respostas e projetos especificamente dirigidos às pessoas que consomem substâncias psicoativas, tanto na área da prevenção como do tratamento. Atualmente, acho que podemos afirmar que a percentagem de pessoas infetadas tem vindo a diminuir também pelo impacto desses projetos.

Entre os anos 90 e o início de 2000, a percentagem de consumidores infetados pelo VHC era capaz de rondar os 80% ou 90%, fruto da inexistência de uma política de RRMD, neste momento existe um maior controlo na propagação da doença, mas é preciso rastrear muito mais e colocar estas pessoas em contacto com o tratamento. Na verdade, estamos ainda muito longe de termos resultados positivos.

Será legítimo esperarmos que este Prémio Nobel venha a constituir um incentivo para vocês, profissionais do terreno, ou será preciso algo mais?

Creio que o incentivo tem sido pouco. Os decisores políticos, nomeadamente da área da saúde, têm oferecido uma grande resistência à criação de respostas efetivas para o tratamento destes públicos que têm maior dificuldade no acesso aos serviços. Há também uma grande resistência por parte das administrações hospitalares em vir ao terreno e trabalhar com as organizações, nomeadamente no estabelecimento de parcerias que adequem as vias de acesso aos serviços às necessidades dos públicos mais vulneráveis, contribuindo para a resolução do problema.

As nossas parcerias nesta área têm sido criadas e mantidas muito mais pela vontade e investimento pessoal de alguns médicos, que têm combatido o conservadorismo e atuado no terreno junto das equipas, do que pela ação política e das administrações hospitalares, que estão completamente de costas voltadas para este problema. Para quem está no terreno é difícil compreender como é que isto ainda acontece. Espero que este Prémio Nobel venha sensibilizar a opinião política no sentido de reverter esta situação. A saúde tem de sair cada vez mais dos hospitais e dos gabinetes e vir à comunidade, trabalhando em parceria com a sociedade civil. Se o paradigma não mudar, gastaremos cada vez mais milhões sem que isso resulte numa erradicação da doença. Em vez de investir na prevenção e no tratamento atempado, ou seja, na melhoria das condições de vida das pessoas, iremos ter de despendar esses fundos no acompanhamento de situações decorrentes da Hepatite C, como a cirrose e o cancro, com custos muito mais elevados. Torna-se cada vez mais importante apostar em soluções preventivas que aumentem a qualidade de vida das populações, ao invés de estratégias que contribuem para perpetuar elevadas taxas de morbilidade e mortalidade.

A Crescer tem algum projeto na área da Hepatite C?

AN – Desde 2018 que as nossas Equipas Técnicas de Rua fazem rastreios às pessoas consumidoras de substâncias, nos locais onde estas se encontram. Estes rastreios são feitos com recurso a testes rápidos e sempre que se revela necessário, as pessoas são encaminhadas para acompanhamento especializado no hospital. Contudo, temos verificado que a grande maioria não acede a este encaminhamento (>60%) mesmo perante a disponibilização de acompanhamento e transporte por parte da equipa. Por isto, em articulação com a consulta de Gastroenterologia do Hospital de Santa Maria, estamos a trazer os exames de diagnóstico (teste de RNA, Fibroscan®, etc.), os cuidados médicos especializados e o tratamento para o terreno, por forma a chegar às pessoas mais vulneráveis que de outra forma permanecerão afastadas dos cuidados de saúde. Nos casos em que as pessoas estão mais organizadas e capazes de se deslocar, o encaminhamento continua a ser feito para o hospital.